

A Teoria do Imaginário Social no Âmbito da Educação Infantil

Olindete de Araujo

Prof. Dr. Marcus Nascimento Coelho

RESUMO

A preocupação básica deste estudo é refletir sobre a teoria do imaginário no âmbito da educação infantil diante da relação professor/aluno, relação esta que se faz imprescindível para que o processo educativo aconteça. Este artigo tem por objetivo elencar as problemáticas observadas na sala de aula do Pré I B do CEMEIS Jardim Amazônia com crianças de 4 e 5 anos em relação à convivência social (preferência pelas amizades, quem é o ajudante do dia), apontar as intervenções tomadas pela instituição para solucionar tais problemas, refletir sobre a prática do imaginário social no âmbito da educação infantil, bem como oferecer nova metodologia para que as crianças desenvolvam o imaginário social. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica considerando as contribuições de autores como VYGOTSKY (1996), OLIVEIRA (2002), entre outros, procurando enfatizar a importância do bom convívio entre educando e educadores, bem como a necessidade do pedagogo cuidar para que a dimensão interpessoal entre ensinantes e aprendizes não interfira de modo negativo no processo ensino-aprendizagem. Concluiu-se a importância do professor planejar suas atividades diárias com um olhar para a teoria do imaginário, atuando como mediador dos afetos que ocorrem no interior da sala, de modo a garantir que o processo educativo formal aconteça com qualidade.

Palavras-chave: Educação Infantil; Aluno; Professor; Relações;

ABSTRACT

The basic concern of this study is to reflect on the theory of the imaginary in the scope of the child education in relation to the teacher / student relationship, which is essential for the educational process to happen. This article has the objective of listing the problems observed in the pre - IB CEMEIS Jardim Amazônia classroom with children of 4 and 5 years old in relation to social coexistence (preference for friendships, who and the day's helper), to point out the interventions taken by the institution to solve such problems, to reflect on the practice of social imagery in the context of early childhood education, as well as to offer a new methodology for children to develop the social imaginary. A bibliographical research was carried out, considering the contributions of authors such as VYGOTSKY (1996), OLIVEIRA (2002), among others, seeking to emphasize the importance of good social interaction between educators and educators. The pedagogical need to take care that the interpersonal dimension between teachers and learners does not interfere in a negative way in the teaching-learning process. It was concluded that it is important for teachers to plan their daily activities with a glance at the theory of the imaginary, acting as mediator of the affects that occur inside the room, in order to ensure that the formal educational process happens with quality.

Keywords: Early Childhood Education; Student; Teacher; Relations;

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema a teoria do imaginário social no âmbito da Educação Infantil, frente ao processo ensino aprendizagem, professor/aluno.

O imaginário social não se coloca como busca de um novo paradigma para as pesquisas em educação, mas como um novo olhar sobre os sentidos que a educação e a escola vêm assumindo em nossa sociedade.

A criança, ao chegar à escola, não abandona o mapa intelectual a que até então recorreu para resolver suas questões orientando-se no mundo. Nesse mapa estão presentes referências da sua identidade: mitos, crenças, ideias próprias de seu grupo social, os quais ela não pode se desfazer. Embora não seja um adulto em miniatura, carrega consigo signos deste imaginário que constituem sua “primeira cultura”, ou seja, a cultura familiar.

Nessas crianças estão presentes fantasias, desejos, expectativas, ansiedade e porque não o medo, inclusive em relação à escola. A rigor não existe Escola, mas escolas, assim como uma multiplicidade de significados para muitas de suas representações.

Muitos dos problemas vividos na escola advêm de formações e conceitos interiorizados, crenças cristalizadas na rotina do cotidiano, que acabam por "naturalizar" práticas, tornando-as imperceptíveis entraves à realização de suas propostas da escola.

O imaginário, portanto, ganha forma nos processos de aquisição da linguagem e, por conseguinte, do pensamento da criança. Jogos simbólicos, amigos imaginários, pequenos sonhos e principalmente os contos, começam a fazer parte integrante da construção infantil e, ao brincar, a linguagem se consolida em uma verdade interna estruturante.

O presente trabalho tem por objetivo elencar as problemáticas observadas na sala de aula do Pré I B do CEMEIS Jardim Amazônia com crianças de 4 e 5 anos em relação à convivência social (preferência pelas amizades, quem é o ajudante do dia,), apontar as intervenções tomadas pela instituição para solucionar tais problemas, refletir sobre a prática do imaginário social no âmbito da educação infantil, bem como oferecer nova metodologia para que as crianças desenvolva o imaginário social.

Nessa perspectiva faz-se necessário estar sempre possibilitando novas oportunidades para que as crianças desenvolvam o imaginário social de forma significativa, uma vez que é algo presente o tempo todo na educação infantil.

Desenvolvimento

O imaginário faz parte da essência da imaginação do ser humano desde que nascemos. Se nos virarmos para as ciências humanas, é fácil verificar que a imaginação, acompanhada pelos adjetivos social ou coletivo, ganhou também terreno no respectivo campo discursivo e que o estudo dos imaginários sociais se tornou um tema na moda. Para tal poder, o domínio do imaginário e do simbólico é um importante lugar estratégico.

Vygotsky (1998), traz a ideia de que a imaginação é primária estando presente desde o princípio na consciência infantil, da qual procede todo o resto da personalidade. A criança é um ser único. Para Freud, a criança é um ser que se acha submerso no prazer, cuja função principal da consciência não está em refletir a realidade em que vive, mas apenas em servir aos seus desejos e as suas tendências sensoriais.

Na combinação simbólica o sujeito cria companheiros imaginários que se tornam presentes na medida em que serve de ouvintes ou de espelho para o eu. Jean Piaget, teórico da educação e psicólogo suíço, em seus estudos sobre a inteligência, interpretou o tema amigos imaginários na infância como forma especial de jogo simbólico, ou seja, atividade que permite construir a realidade, simular e desempenhar papéis.

Deste modo, o companheiro imaginário estimula a criança a respeitar regras e a consola quando está triste. “O imaginário é uma manifestação de criatividade e de prazer comunicativo da criança”.

A educação é fator preponderante no processo de formação de qualquer sociedade, e a escola, por sua vez, enquanto instituição educativa desempenha um papel primordial no desenvolvimento de qualquer sujeito.

Para Gardner, o propósito da escola deveria ser educar para a compreensão e para ajudar os alunos a encontrar seu próprio equilíbrio. Ao receber essa ajuda, a pessoa se sente mais engajada e competente, e portanto mais inclinada a servir à sociedade de maneira construtiva.

Levando em consideração que a infância é uma fase da vida que está diretamente ligada ao mundo da imaginação e que tem relação direta com o imaginário, quando se é criança imaginar, criar, recriar, inventar e reinventar são situações que fazem parte do cotidiano. Aprender a viver junto, aprender a viver com o outros. Na infância, é normal os ataques de agressividade dos pequenos em sala de aula o problema e saber controlá-lo. A relação estabelecida entre professores e alunos constitui o cerne do processo pedagógico e muitas vezes, desencadeia a maioria dos problemas existentes no dia-a-dia da escola. Dessa forma, podemos dizer que o imaginário é tudo e não podemos estabelecer fronteiras entre o real e o que é parte daquilo que estamos imaginando.

Nesse sentido mostra-se necessário, e por que não “essencial”, que o professor reflita com os alunos sobre o tipo de relações que são vivenciadas dentro da sala de aula. Afinal, é no cenário da sala de aula que se estabelecem as mais importantes relações da escola, e é nesse ambiente que o conhecimento é estruturado. Piletti (1999, p.131), defende que numa sala de aula, a relação com outros seres humanos influenciam mutuamente os indivíduos, sendo que “o professor exerce influência sobre os alunos e estes sobre o professor e os colegas”. Segundo Vygotsky a imaginação é a base para toda a atividade criativa se manifestando assim em todos os aspectos da vida cultural. Tal pensamento justifica-se no seguinte trecho:

A importância do trabalho criador (imaginativo) se verifica no desenvolvimento da criatividade infantil, na evolução e no amadurecimento da criança, pois no plano imaginário podem ser observados os desenvolvimentos cognitivos, pelo raciocínio estimulado, assim como a memória além de uma amplitude nas noções de valores morais.

(VYGOTSKY, 1996, p. 18).

Entendendo a tarefa do ajudante do dia:

Na sala de aula tem sempre pequenas tarefas que podem ser feitas pelas crianças, valorizando-as, ao mesmo tempo em que oportuniza responsabilidades e desenvolve a cooperação. Para essas tarefas temos a colaboração do **AJUDANTE DO DIA**.

- Preparar a sala.
- Entregar aos colegas cadernos, lápis, folhas, borracha e tesouras as garrafas com água.

- Organizar e, ajudar a guardar os materiais que foram usados.
- Lembrar aos amigos que eles não podem correr para não se machucar.
- Lembrar aos colegas que eles não podem brigar com os coleguinhas.
- Brincar com respeito nos espaços e brinquedos existentes no pátio da escola.
- Arrumar as cadeiras da sala.
- Estender o tapete antes das rodas de história.
- Recolher os papéis do chão.
- Manter a sala limpa.
- Ajudar o professor nas atividades de sala.

Ao compreendermos que o crescimento pessoal implica na construção da identidade e da autonomia, nossas intervenções passam a considerar as dimensões individual e coletiva, isto é, ao mesmo tempo em que respeitamos e buscamos atender as características e as necessidades de cada criança, consideramos a importância da convivência entre elas e as aprendizagens que dela decorrem. Progressivamente, as interações acontecem de fato e os alunos passam a atuar de maneira cada vez mais autônoma. Não é à toa que o eixo Identidade e Autonomia são considerados conteúdo transversal. Sem dúvida, ele perpassa todos os demais conteúdos, como se representasse o fio da costura.

É de suma importância o papel do professor neste momento, pois poderá disponibilizar recursos que irão aprimorar seus conhecimentos, aguçando a curiosidade dos alunos, ampliando seu vocabulário visual, incentivando-o. O professor quando atribui pequenas tarefas a criança passa a valorizar esse educando e está abrindo possibilidades de amadurecimento em seu comportamento com o outro e com os acontecimentos em sala de aula.

Ao iniciar suas tarefas diárias o educando imagina ser o professor, se pondo no lugar do adulto e passa a respeitar as regras proposta em sala.

Dessa forma, o imaginário infantil pode ser compreendido como um dos fatores construtores da personalidade da criança. O imaginário infantil não deve ser encarado como objeto de culto, mas como matéria de cultivo. É de extrema importância exercitar a criança para os conceitos estabelecidos na escola juntamente com as teorias e práticas.

Na concepção de Oliveira:

O educador deve conhecer não só teorias sobre como cada criança reage e modifica sua forma de sentir, pensar, falar e construir coisas, mas também o potencial de aprendizagem presente em cada atividade realizada na instituição de educação infantil. Deve também refletir sobre o valor dessa experiência enquanto recurso necessário para o domínio de competências consideradas básicas para todas as crianças terem sucesso em sua inserção em uma sociedade concreta. (OLIVEIRA, 2002, p.124)

Neste contexto percebe-se que pelo imaginário a criança busca a sua autonomia, é este o papel da educação infantil, favorecer a construção de seres autônomos e que tenha suas estruturas psicológicas e cognitivas desenvolvidas plenamente. O simples fato de atribuir atividade diária ao ajudante do dia o professor está cumprindo com parte de seu papel, pois de alguma forma está expondo seus alunos ao mundo do imaginário que é uma teoria ricamente significativa aos pequenos. Contudo cabe salientar que o trabalho com atividade do dia a dia não deve ser pautada em atividades obrigatórias, ao contrário, a atividade trabalhada no dia a dia devem focar na discussão acerca do que é realizado na sala. Nesse perspectiva as amizades e companheirismo estão tomando o lugar de “instrumento” facilitador da compreensão de mundo, “o eu e o outro”.

Partindo de todo o pressuposto apresentado e que a prática apresentada com o título “A Teoria do Imaginário Social no Âmbito da Educação Infantil” foi proposta a crianças do pré I B” do Cemeis Jardim Amazônia da Cidade de Sorriso MT.

A prática teve como objetivo elencar as problemáticas observadas no dia a dia, entre os pequenos, em relação a convivência social pondo fim aos conflitos. Neste contexto, percebe – se que a importância das relações pessoais na educação infantil entre professor e alunos se faz necessário pois é aqui a base de todo o início do ensino – aprendizagem onde eles vão conviver com o outro. Segundo Ziberman (2009), a ideologia relativa ao processo de ensino – aprendizagem, a sua orientação pedagógica geram implicações imediata no rendimento educacional e na formação da personalidade dos alunos.

A prática pedagógica do professor junto com a instituição de ensino é a ferramenta fundamental para conseguir uma harmonia entre os pequenos em sala de aula no dia a dia da educação infantil para que aconteça o aprendizado, e a interação social. Hoje todos os conflitos foram resolvidos.

Conclusão

Diante do exposto, concluiu-se que a interação existente entre professor e aluno, é um dos componentes mais importantes para o sucesso do ensino-aprendizagem. Sem que haja uma convivência positiva entre estes dois sujeitos não há aprendizagem de qualidade.

Dessa forma constatou-se que ao atribuir tarefas aos alunos, eles se sentem úteis e importantes dentro e fora da sala. Eles respeitam as regras e combinados, explicitam, de certa maneira, o funcionamento da escola e as normas e conduta necessárias ao convívio social do grupo. Eles assumem as responsabilidades, tudo tem que ser vigiado e cuidado quando vão ao banheiro, eles começa a lembrar os amigos que não pode jogar papel higiênico no chão, não pode deixar a torneira ligada, passam a ser o “guardião fiel”. Percebemos, desta forma, como alguns dos autores que desenvolveram discussões acerca da teoria do imaginário propõem uma nova forma de enxergar o ser humano e, conseqüentemente, os elementos que perpassam sua constituição psíquica, social e cultural. No Brasil, Paula Carvalho (1990) foi pioneiro nas discussões acerca dessa visão unificada e global do ser humano e da sociedade, refletindo profundamente em torno da abordagem antropológica da educação e das organizações educativas numa perspectiva do paradigma chamado de holonômico, pautado nessa visão. Este estudioso considera o imaginário como chave para a compreensão da cultura, tendo, portanto, a função simbólica um papel essencial na educação.

Nesse interim, cabe ao professor zelar para o bom convívio entre professor e aluno, se interpondo entre possíveis conflitos entre ambos, e principalmente criando estratégias que propiciem o bom convívio entre aluno e aluno e professor, e toda a comunidade educacional.

REFERENCIAS

VYGOTSKY, L. S. Os métodos de investigação reflexo lógicos e psicológicos. Teoria e método em psicologia. São Paulo: Martins Fontes, 1996. _____. O desenvolvimento psicológico na infância. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

OLIVEIRA, Zilma. Educação Infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

ZIMERMAN, David. E. Grupos de educação médica. In: Fundamentos básicos do Grupo terapias. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PILETTI, Nelson. - *Psicologia Educacional*. Série Educação. São Paulo – São Paulo. Ática. 1999.